

# Ivan aposta na sensibilidade de Sarney

Arquivo — 26/2/86

Presidente ouve o chefe do SNI mas às vezes segue Saulo

Mirian Guaraciaba



General Ivan: vodca, não

**B**RASÍLIA — Em outubro de 1975, o então general-de-brigada Ivan de Souza Mendes era talvez o único oficial do Exército que não procurava convencer seus interlocutores de que o jornalista Wladimir Herzog, morto nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo, havia se "suicidado". Quase dez anos depois, em março de 1985, o general-de-exército Ivan Mendes assumiu a chefia do SNI (Serviço Nacional de Informações) com os mesmos princípios. Continua sem querer tapar o sol com a peneira: "É preciso que o presidente Sarney tenha sensibilidade para o momento das eleições diretas", costuma dizer ao selecionado grupo de políticos com quem divaga, pensa e discute, para depois recomendar decisões.

República, "o lado mau do governo", segundo o ex-ministro da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães. Saulo insistiu no abaixo-assinado que identificaria os políticos que apóiam o governo. "Presidente, o Figueiredo fez isso e não deu certo", insistiu o general Ivan. "Mas eu quero saber com quem eu posso contar. Nem que eu consiga 70 assinaturas". Até hoje, o presidente não sabe com quem pode contar.

O presidente José Sarney é sensível ao talento do conselheiro. Certa vez, numa roda de amigos, ignorou a presença de dois ministros de Estado e fez um rasgado elogio: "Eu agradeço ao Tancredo a nomeação de dois auxiliares. O Ivan e o Pazzianotto (ministro do Trabalho). São áreas delicadas e estão sob controle seguro". Mas nem sempre Sarney segue os conselhos recebidos. "O sr tem que fazer uma opção clara pelo PMDB", sugeriu há um mês o chefe do SNI. "Por quê?", quis saber o presidente. "Simplesmente porque o PMDB é maior."

**Bode** — O deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG) testemunhou outra incursão do chefe do SNI na crise política. "Era quase meia-noite quando o Ronaldo (Costa Couto, chefe do Gabinete Civil) me convocou para uma reunião em sua casa com o general Ivan, para discutir a nossa emenda de parlamentarismo gradual com dois anos de transição. Eu fui entusiasmado. O Ivan é parlamentarista e confiou na

saída que propusemos". Mas, por inabilidade de Costa Couto, o encontro fracassou. "Puseram bode na sala", reclamou, à entrada, em alto e bom som o mineiro Israelzinho. O bode eram os deputados Prisco Viana e Carlos Sant'Anna, presidencialistas convictos. "Acho que estou na reunião errada", emendou o senador José Richa (PMDB-PR).

O general teve a mesma impressão. E não escapou às ironias de Prisco e Sant'Anna. "O sr está falando em seu nome ou em nome do presidente?", disparou o líder do governo. Ivan não desistiu. Na semana seguinte reuniu-se com presidencialistas. Outro desastre. Em vez de discussão sobre o sistema de governo, o chefe do SNI ouviu — como é de seu ofício — críticas ao governo Sarney. "No final eu não pude evitar. Tive que falar para defender o presidente", relatou ao vizinho e amigo Raphael de Almeida Magalhães.

**Greve** — Falar não é o forte do general Ivan. E às vezes esse silêncio confunde o interlocutor. Na semana passada, o deputado Fernando Gasparian (PMDB-SP) teve longa conversa por telefone com o chefe do SNI. Desancou o governo e depois afirmou entusiasmado ao senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP): "Ele concordou com tudo o que eu disse".

O chefe do SNI só fala em tempo de greve. "Aí ele fica indócil", brinca Raphael. "Greve é desordem, é baderna, é um desserviço", acha o general Ivan. As greves estreitaram as relações dos preferidos do presidente: Ivan e Pazzianotto. Os telefonemas entre os dois são diários. O chefe do SNI acompanha atentamente toda a movimentação dos sindicatos, as reivindicações, as questões sociais.

Há 15 dias, o general Ivan quis saber sobre a intervenção decretada pelo Ministério do Trabalho na Confederação Nacional da Agricultura. "O Flávio Brito (cuja eleição foi colocada sob suspeição) está ameaçando fazer uma bobagem qualquer se eu intervier. E eu vou intervir", avisou Pazzianotto. Ivan endossou, sem comentários.

**Ulysses** — Entre o deputado Ulysses Guimarães e o presidente José Sarney, existe uma sólida ponte que se chama Ivan de Souza Mendes. Longe dos ofícios de segurança e informações, perto da "boa" intriga, como define o pernambucano Cid Sampaio — frequentador assíduo do gabinete do quarto andar do Palácio do Planalto, onde se aperta o SNI — o general tem se esforçado para neutralizar os disparos feitos contra Ulysses no círculo palaciano. "O doutor Ulysses tem que ser ouvido sempre. Ele representa o poder político", disse a um confidente. Sarney sabe o que pensa seu conselheiro.

"Ele é um dos mais fiéis assessores do presidente. É um dos raros homens deste governo que trabalha em defesa do governo e não em causa própria", elogia o ministro da Previdência, Renato Archer, interlocutor privilegiado do chefe do SNI. "O Ivan é um dos militares mais lúcidos que eu conheço. Participar dos problemas a ele é a garantia que temos do retorno." Nas presenças que sofreu no Ministério da Ciência e Tecnologia, Archer se lembra do oficial da Marinha que foi intrigá-lo com o chefe do SNI. "Ele reclamou que a política de informática era danosa ao país. Aí eu disse: esse oficial é diretor de uma multinacional na área de informática". Ivan esqueceu o assunto.

## Pedras mostram performance

O traço anti-soviético mais nítido do general Ivan de Souza Mendes é a *Stolichnaya*. Ele não gosta de vodca russa. "Não tem gosto de nada. Aliás, eu não gosto de vodca. Gosto de uísque", brincou com o ex-ministro da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães, depois que o amigo o obrigou a tomar uma dose. Ivan e Raphael bebericavam e conversavam com frequência nas noites quentes de Brasília, no confortável terraço da residência oficial do chefe do SNI.

Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto. Discretíssimo, como manda o figurino, o general prefere mesmo o apertado gabinete no quarto andar do Palácio do Planalto.

Pouco se sabe da vida de Ivan Mendes. Do quase nada, sabe-se por exemplo que seu esporte preferido é a natação. Para medir sua capacidade atlética, ele coloca pedrinhas na beira da piscina. A cada volta, recolhe uma pedra. Diariamente bate seus próprios recordes.

Afável, acessível, o general-de-exército Ivan de Souza Mendes, 65 anos, casado, pai de três filhas, nasceu sob o signo de Peixes, em Cordeiro, Rio de Janeiro. É oficial de engenharia, avesso à imprensa e à publicidade. "Se querem me fazer mal, falem de mim",

## Críticas vêm de dois lados

A Velha República espiona e critica os defeitos do general Ivan de Souza Mendes. Um dos mais ácidos comentaristas não é de inimigo: "Ele não mexeu na estrutura do serviço, não o modernizou, não o equipou", diz um de seus dois mil funcionários espalhados pelo país. "O general não é do ramo. Ele é oficial de engenharia. Entende pouco de segurança e informações, e prefere a política", diz outro.

Pelo lado da Nova República, também há críticas. Segundo um servidor do SNI, o general Ivan tinha obrigação de dar nova concepção ao serviço secreto do governo. Mas o crítico reconhece: "A Nova República deixou de usar o SNI para perseguir cidadãos ou levantar suas fichas. Agora fazemos um acompanhamento rigoroso do movi-

mento social, das reivindicações salariais, dos problemas de terra. Não para prender pessoas, mas para identificar problemas. No governo Sarney, o Ronaldo Caiado, da UDR, tem a mesma importância que o Lula, da CUT. Na Velha República, só a CUT interessava".

Mas há ainda coisas da Velha que interessam à Nova República. O general Ivan não admite, mas a escuta telefônica montada nos governos militares permanece intocada. Havia também um plano para expansão da rede do serviço secreto pelo exterior — "deixaríamos de ser um FBI subdesenvolvido", brinca um militar — que também não deu certo. Nisso, como na escuta telefônica e na estrutura do SNI, o general Ivan não mexeu.